

O CORPO COMO FORMADOR DA EXPERIENCIA TURÍSTICA

Ma. Paola Marie Vitaca¹

Resumo

Este estudo analisa a experiência turística sob a perspectiva da comunicação, destacando os elementos do imaginário, da teatralidade e do corpo. O imaginário molda as expectativas do turista, a teatralidade envolve o turista como protagonista de sua jornada, e o corpo atua como mediador sensorial e simbólico da experiência. A pesquisa também explora o impacto do turismo digital, que oferece experiências imersivas, mas não substitui a vivência física. Conclui-se que a experiência turística é um fenômeno multifacetado, onde a comunicação e o corpo são essenciais para a construção e vivência do turismo.

Palavras-chave: Experiência turística, comunicação, imaginário, teatralidade e corpo.

1. A EXPERIENCIA TURÍSTICA SOB A PERSPECTIVA DA COMUNICAÇÃO

Estudar o turismo como ciência sob o olhar da comunicação produz uma investigação e análise instigante da atualidade nas práticas e comportamentos da sociedade. Quando o fenômeno atua de forma conjunta com o campo da comunicação, são construídas estratégias comunicacionais que articulam e potencializam seu grande produto: a experiência turística.

No turismo, a experiência se torna indispensável, pois propõe ao viajante sonhar (imaginário), sentir (corpo) e ser o protagonista (teatralidade) ao mesmo tempo em que vive as singularidades do destino turístico e da cultura de outros viajantes. Isso porque a experiência é a ação da aventura, da coragem e da insegurança, estando relacionada aos desafios, à investigação e ao descobrimento histórico-social dos destinos turísticos.

Aos olhos dos viajantes, a prática não apenas produz interpretações e significações, mas está associada à multiculturalidade e ao encantamento de um espetáculo de luzes e palco que seduzem e atribuem sentidos e discursos.

2. O IMAGINÁRIO E O TURISMO

De forma sucinta, o imaginário, segundo Durand (1997), atua como a articulação entre a realidade e a fantasia. A importância dele junto ao turismo está na significação de mitos, lendas e fantasias que “magificam” a identidade de um lugar turístico, como a criação de um mito que se associe à imagem e ao símbolo, transmitindo as verdades necessárias para a sociedade.

O imaginário relaciona-se com a compreensão da coletividade e do cotidiano quando o viajante o significa, através das relações, diante de aspectos sociais, culturais, históricos e biográficos. Ao se contrapor a uma terra estrangeira, o turismo provoca confrontos nas estruturas sociais, buscando, na história e na cultura, razões para o entendimento de uma realidade cultural e imaginária, atribuindo múltiplas inter-relações.

Sendo assim, a dinamização dos destinos turísticos é produzida com o suporte do *trajeto antropológico*, que engloba estruturas biopsíquicas, o meio cósmico e o social, que, por sua vez, compõem as estruturas do imaginário humano. As pulsões são universais e estão associadas ao organismo do sujeito através de reações biológicas e forças de coerção relacionadas a fatores sociais, econômicos e culturais contidos no mundo (ANAZ *et al.*, 2014).

Ao se relacionar o conceito de trajeto antropológico ao turismo, percebe-se que o processo de produção de sentido é vital para o desejo da jornada e para o prazer da vivência turística, pois é o imaginário que permite enxergar o mundo através de símbolos, conectando-os de forma a atribuir representações à experiência turística.

Já a teatralidade, sob a perspectiva de Tuner (1974), diz respeito à antropologia da experiência. Para o teórico, a teatralidade faz parte do cotidiano, uma vez que o refúgio da vida diária é alimentado por dramas sociais, marcando ciclos ou viagens revestidas de performances interpretativas. Produz-se, assim, nas dimensões temporais e espaciais e nos enquadramentos que originam as alteridades entre os sujeitos.

Para Goffman (2002, p. 25), na perspectiva da psicologia social, a teatralidade é necessária ao cotidiano, pois o indivíduo encena papéis, incorporando-os e os alternando de acordo com a sua atuação na sociedade. “O indivíduo faz sua representação e dá seu espetáculo ‘para benefício de outros’.” De acordo com esse

viés, quando o viajante se vê nos destinos turísticos, ele assume a postura de protagonista, o que lhe permite, por meio da teatralidade, ocupar papéis nunca vivenciados, a fim de que possa experimentar a totalidade dos eventos. Assim, são acionadas a imaginação, a criatividade e a encenação, estimulando o corpo através de sensações e gestos (corporeidade).

Neste estudo, optou-se por estudar as abordagens dos autores Baptista (2002), Foucault (2008), Morin (1990), Breton (2010) e Lévy (2003) para se fazer um recorte sobre o conceito de corpo, a fim de trabalhá-lo como eixo principal em um viés epistemológico que abordará teóricos, conceitos e diálogos em voga no que diz respeito à temática proposta.

A conceituação sobre o corpo é posta em constante debate e há muito tem contribuído para os estudos da humanidade. Na Grécia Antiga, o filósofo Aristóteles (384-322 a.C.) percebia o corpo como o conjunto (alma e corpo) necessário para a percepção, recebendo as sensíveis. Já para o teórico francês Maurice Merleau-Ponty¹(1908-1961), o corpo é visto como um veículo de comunicação do homem. Em seu livro *Fenomenologia da percepção*, publicado em 1945, o autor elucida o interior do sujeito, sendo o corpo uma comunicação mais velha que o pensamento, o contato humano com o mundo que preexiste no pensamento e na sociabilidade (BAPTISTA, 2002).

A epistemologia do corpo, para alguns autores, estabelece paradoxos que compreendem a visão histórico-filosófica. Para Santin (2002), o corpo transita em duas dimensões: a primeira é vista com limites de ordem biológica, sendo o corpo resultado do processo evolutivo. A segunda remeteria a uma constituição simbólica, tratando-se de uma corporeidade sobreposta à primeira dimensão como resultado da imaginação individual e social.

Segundo Moreira (2012), o corpo é um só, interpolando a natureza e a cultura, gerando um mundo simbólico e de significados. É através do corpo que experienciamos o mundo que nos é atribuído, no intuito de constituirmos relações. Na abordagem darwiniana, o corpo é a extensão dos aspectos biológicos, por isso as experiências seriam relacionadas somente aos estímulos emocionais.

¹ Referência trabalhada MERLEAU-PONTY, Maurice; MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

De acordo com Baptista (2002), a fenomenologia designa a corporeidade como campo social e de práticas sociais, o que não a torna diferente da terminologia “corpo”: em uma abordagem sociológica, não há distinções epistemológicas entre ambos os termos, os quais remetem à existência do ser-sujeito. Segundo Silva (2006), a temática do corpo, em uma perspectiva epistemológica, coloca em voga a complexidade do assunto, por apresentar dualidades entre a cultura e a natureza e o biológico e o social.

Para Morin (1990), a corporeidade guarda o processo evolutivo, sendo possível identificar diferentes dimensões (partes de um todo e um todo em partes) que caracterizam a complexidade humana, introduzindo e transformando a cultura na sociedade. Para o teórico, a corporeidade é o resultado da evolução humana, que se constitui nas seguintes dimensões: físico-motora; afetivo-relacional; mental-cognitiva; sócio-histórico-cultural. Todas elas são indissociáveis na multidimensão e complexidade do ser humano e de seu corpo.

Em uma abordagem da sociologia do corpo, as experiências são oriundas do contexto social e cultural, diferenciando os homens através das significações e representações elaboradas diante de suas vivências. O corpo serve como potencializador de sentidos e imaginários e é uma extensão semântica que se relaciona com o mundo, sendo “o primeiro e o mais natural instrumento do homem”. (BRETON, 2009, p. 39).

Essa perspectiva, quando relacionada ao turismo, salienta a importância da relação com outros viajantes para a formação da corporeidade, pois, ao estabelecer o intercâmbio com o outro, uma pessoa é capaz de transmitir concepções, culturas e comportamentos que poderão pelo outro serem filtrados e inseridos no meio em que vive.

Para praticar o turismo, torna-se indispensável o corpo, que utiliza dos cinco sentidos e dos processos químicos que formam imagens vitais para interpretar e representar experiências. O corpo biográfico, trabalhado por Josso (2012), compreende que a consciência é potencializadora e integradora das dimensões, e, por isso, as experiências nunca serão sentidas e significadas da mesma forma por diferentes viajantes.

A relevância do conceito está em relacionar a experiência como a projeção de todas as sensações que o corpo já sentiu: no processo turístico, os viajantes passam por estranhamento, encantamento, medo, alegria e situações de euforia, e essas

reações, entre outras, constroem a biografia do viajante. Para Bois e Austry (2007), o conhecimento de si nasce das experiências de vida.

Dessa forma, o corpo precisa passar por cargas emocionais para atribuir significado aos eventos e distinguir quais foram mais intensos. Nesse sentido, o turismo colocar em prática o corpo como uma extensão do reservatório de sentidos, ou seja, parte do imaginário.

Mediante a carga simbólica das lembranças e memórias que originam as características emergidas das singularidades, constituindo, assim, histórias de vida, Josso (2012) elucida as diversas interpretações e significações no processo de ação e reação presentes na realidade social. Percebe-se, dessa forma, que o livre-arbítrio concebe a possibilidade de ultrapassar barreiras e caminhar para si, em um processo de olhar a si e reconhecer-se. Logo, as experiências são transformadoras à medida que vestem a roupagem da particularidade sobre as diversas interpretações em relação a aspectos históricos, culturais, políticos e digitais.

Portanto, ao pensar nos eixos do imaginário, da teatralidade e do corpo como formadores da experiência turística, é possível evidenciar o corpo como matéria e complexidade em um elo com o mundo físico. No entanto, surge a provocação: é possível, através da midiatização e dos processos midiáticos, atingir a experiência turística *on-line*?

3. O TURISMO DIGITAL

Para Sodré (2014), a midiatização age no âmago do tecido social, articulando significados e gerando transformações em um processo de convergência midiática. Segundo Gomes (2019), trata-se de um processo que afeta as esferas econômicas, políticas e sociais, de forma a influenciar um novo modo de o sujeito ser no mundo. Surgem, então, as seguintes questões: esse novo modo de ser inclui a imersão na experiência digital em sua totalidade, assim como na experiência real? Haverá o acionamento do corpo mesmo através da virtualização?

As novas tecnologias fazem com que surjam novas configurações do corpo e novas relações entre os indivíduos e os meios. De acordo com Lévy (2003), a virtualização do corpo supera as dimensões do tempo e espaço. A velocidade com

que os novos dispositivos transmitem informações em tempo real traz a esse corpo a simultaneidade e a experiência sensorial.

Atualmente, para dinamizar os destinos turísticos, há aplicativos de visitaçã *on-line*, sendo possível, ao usuário, visitar ruas, avenidas, museus e espaços turísticos, de modo a provocar a imersão e a experiência. Em cliques através do *Google Earth*, por exemplo, é possível conhecer os lugares mais remotos da terra. As narrativas de viagem são produtos estratégicos postados em plataformas em diversos formatos que possibilitam o engajamento e a interação entre os usuários. Esses meios (re)definem a existência do corpo e o modo de experienciar as diferentes formas de interação com o ambiente.

No âmbito virtual, as distâncias são (re)definidas, as fronteiras ultrapassadas e encurtadas; “em termos rigorosamente filosóficos, o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes”. (LÉVY, 2003, p. 15). O corpo se transmuta em uma experiência fora do corpo, em que ocupa diferentes dimensões ao mesmo tempo, e o imaginário transaciona interpretando e produzindo sentidos.

De acordo com Ferreira (2001), o corpo não pertence à materialidade, ocupando um novo espaço pré-existente ou não. Logo, fala-se em hipercorpo (existência do corpo em dimensões), uma existência híbrida, que pode alcançar as emoções através da tecnologia. Obtém-se um corpo (des)territorializado e coletivizado e que se (re)inventa e produz diversos sentidos, em uma lógica midiática “que se treina, que se obedece, responde, se torna hábil ou cujas forças se multiplicam”. (FOUCAULT, 2008, p. 117).

Por meio da virtualidade, é possível projetar, criar e vivenciar realidades diferentes. A experiência, tanto no digital quanto no real, torna-se única quando o viajante pode se situar nas duas dimensões ao mesmo tempo, como ao se encontrar fisicamente no destino, estimulando as trocas culturais, mas propagando, ao mesmo tempo, a sua viagem em tempo real através das redes sociais. No olhar da pesquisadora, essas realidades são possíveis porque o imaginário é parte do corpo e da experiência; ele é o sujeito social que constrói relações, as significa e as promove.

Assim, a experiência turística pode ser estimulada e articulada através das narrativas de viagem, dos aplicativos e das plataformas virtuais, mas não será vivida em sua totalidade, posto que o corpo precisa sentir, ver e fazer parte do espetáculo, o que requer que se esteja fisicamente presente. A ausência de corpos ou a limitação

desses impacta nas experiências, pois o corpo é percebido como uma troca simbólica e cultural de trajetórias de vida: menos intercâmbio significaria a redução na produção de sentidos e, conseqüentemente, do que poderia ser experienciado e interpretado.

Portanto, a experiência virtual não exige a experiência física – ela complementa e induz os viajantes a desejarem e consumirem a jornada turística. Em síntese, é possível aos viajantes atingirem a experiência turística digital, que é diferente da vivência física, e, mesmo assim, acionar o corpo, de modo a provocar sensações por intermédio do imaginário. No entanto, não atingirá a sua potência como catalisador de sentidos. Para Benjamin (1971), a experiência precisa promover o conhecimento, a reflexão e a ação, sendo um elo de transmissão de saberes, os quais são adquiridos e devem ser compartilhados, produzindo a experiência relacionada a processos culturais e sociais.

Todo conhecimento é resgatado, de modo fragmentado e intenso, na forma de imagens através da memória, e aquela experiência carregada de significações será lembrada com mais rapidez.

REFERÊNCIAS

ANAZ, Sílvio *et al.* Noções do imaginário: perspectivas de Bachelard, Durand, Maffesoli e Corbin. **Nexi**, n. 3, 2014. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nexi/article/view/16760/15660>. Acesso em: 10 set. 2020.

ARISTÓTELES. **De anima**. Trad., introd. e notas R. D. Hicks. New York: Georg Olms Verlag, 1990.

BAPTISTA, Tadeu. Corporeidade e epistemeologia. **Filosofia e Educação**, v. 14, n. 1, p. 112-35, 2022. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/rfe/article/view/8668684>. Acesso em: 10 de jul. 2022.

BENJAMIN, Walter. Sur le programme de la philosophie qui vient. *In*: BENJAMIN, Walter. **Mythe et violence**. Paris: Denoël, 1971.

BOIS, Danis; AUSTRY, Didier. Vers le paradigme du sensible. **Réciprocités**, n. 1, p. 6-22, 2007.

BRETON, David Le. **A sociologia do corpo**. Tradução de 6. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2010.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário**: introdução à arquetipologia geral. Lisboa: Presença, 1997.

FERREIRA, Mirza. **Novos tempos, novos espaços, novos corpos...** uma nova dança. 2001. 112 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**. 35. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Tradução de 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

GOMES, Pedro Gilberto. Mídiação: um conceito, múltiplas vozes. **Famecos**, v. 23, n. 2, 2016. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/22253>. Acesso em: 15 jul, 2022.

JOSSO, Marie-Christine. O corpo biográfico: o corpo falado e o corpo que fala. **Educação e Realidade**, v. 37, n. 1, p. 19-31, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edreal/a/rXZF6DgbGRsjFDTvDFCD5YR/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 5 ago. 2021.

LÉVY, Pierre. **O que é virtual**. São Paulo: Ed. 34, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice; MOURA, Carlos Alberto Ribeiro de. **Fenomenologia da percepção**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MOREIRA, Wagner. Formação profissional na área da educação física: o fenômeno corporeidade como eixo balizador. *In*: PACHECO NETO, Manuel (org.). **Educação física, corporeidade e saúde**. Dourados: UFGD, 2012. p. 31-43.

MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Tradução Dulce Matos. 2. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 1990.

SANTIN, Silvino. Qualidade de vida e esporte nos caminhos da filosofia da corporeidade. *In*: MOREIRA, Wagner W.; SIMÕES, Regina (org.). **Esporte como fator de qualidade de vida**. Piracicaba: UNIMEP, 2002. p. 227-41.

SILVA, Ana. Corpo e epistemologia: algumas tensões em torno da dualidade entre o social e o biológico. *In*: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (org.). **Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física**. João Pessoa: Universitária, UFPB, 2006. p. 75-96.

SODRÉ, Muniz. **A ciência do comum**: notas para o método comunicacional. Petrópolis: Vozes, 2014.

TUNER, Victor W. **O processo ritual**: estrutura e antiestrutura. Petrópolis: Vozes, 1974.